

Nelson Rego e Salete Kozel
Organizadores
Ana Francisca Azevedo
Colaboradora

NARRATIVAS GEOGRAFIAS & CARTOGRAFIAS

para viver, é preciso espaço e tempo

Volume I

2020

Editoras



As Passadas no Deserto do Camelo Vazio sem Destino...¹

Nestor André Kaercher

1. Dedico este texto a Nelson Rego e Ivaine Maria Tonini, recentemente aposentados, mas sempre muito ativos e inspiradores. Cada qual de suas imensamente distintas maneiras, me educam, me inspiram, de... imensamente distintas maneiras. Obrigado, e, sigamos juntos.

*Multipliquei-me para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente
(Fernando Pessoa, Passagem das Horas)*

Introdução: um professor lento rouba o título de um morto

Começamos com uma confissão: o título vem do Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa (p. 79). Mortos não cobram direitos autorais, eis o motivo. FP é monstro em criar metáforas espaciais. Só lentamente meu pensamento atravessa o rio a nado – também palavras dele - para criar estas linhas. O camelo deixa suas pegadas (efêmeras), e seu destino, tais como o texto, tem destino incerto. Dependerá da viagem que o leitor fará comigo. A ele caberá ver o vazio (ou o cheio) do sentido. Oxalá possa fazer ligações e outras metáforas. Então, já serão as suas pegadas e o deserto deixará de ser vazio posto que a educação é relação, troca e comunicação, seja entre professor e aluno, ou aluno - aluno, ou professor – professor. Já mais de uma vez disse que a etimologia da palavra ensinar (in signo) remete a inserir signos, (deixar) marcas. Pegadas também são marcas. O professor as deixa. Cabe aos alunos – condenados a liberdade, sim – optar: sigo estas marcas? Vou pelo lado oposto? Volto? A liberdade da escolha. Tão decantada em versos quanto difícil de ser vivida no dia a dia.

O texto objetiva narrar um pouco de minha história/geografia pessoal e tenta organizar as pegadas que tenho deixado, seja docenciando, seja escrevendo. Justifico tais páginas não como um exercício egóico, meramente narcísico, mas sim com a certeza de que uma narrativa individual nunca é meramente pessoal haja vista que somos seres construídos nas relações sociais e estas se dão em tempo e espaços específicos. Eu sou um coletivo de pessoas que me forjaram, me instruíram, me educaram, me tocaram corpo e alma.

Eu sou um pouco de você, leitor. Eu sou muitos outros e você é um pouco de mim.

A tentativa de responder as perguntas que seguem atende a um desejo: tentar achar o fio da meada de minha própria geografia. Ainda que as respostas possam ser vagas e imprecisas elas haverão de disparar no leitor as suas próprias respostas e/ou reflexões. Ao narrarmos publicamente obrigamo-nos a sistematizar pensamentos não raramente dispersos e confusos dentro de nós. “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!” (Fernando Pessoa, *Tabacaria*). Talvez se busque, ainda que tateando, titubeando - responder de forma certa é improvável e presunçoso - aquelas velhas questões: quem somos/quem sou? De onde viemos/de onde venho? Para onde vamos/para onde vou? Coloco propositadamente o jogo ‘eu-nós’, pois parto do pressuposto que eu nunca sou/serei sozinho. Sou o que sou, em alguma parte devido a minhas escolhas, mas, claro, o que sou depende grandemente do entorno que me cerca. Somos seres sociais, imersos numa coletividade, a ‘garrafa’ que nos envolve, e, não raro, condiciona. O exemplo mais banal é o local e data de nosso nascimento que ultrapassam, obviamente o mero local e data. Nada pudemos escolher aí (data, local, condição social), mas como esses indicadores haverão de nos influenciar vida afora.

Nasci em 17 de fevereiro de 1966 na cidade de Santa Cruz do Sul (RS) numa família urbana, de classe média, católica e muitos outros etc. Veja que nascer em 1916 neste mesmo local, ou em 1966, em Nova Delhi (Índia), já teria feito muita diferença. O Nestor não seria o mesmo Nestor. O curioso é que mesmo que sejamos seres racionais e dotados de relativa (grande?) liberdade, os condicionantes sociais que herdamos, sem ter nenhuma possibilidade de palpar, enquadra muito das nossas ações, desejos e sonhos.

Aumentar nosso conhecimento vai, seguidamente, atingindo nosso pretensioso mito de potência. Quantos milênios levaram os seres humanos para perceberem que seu lugar (chineses, incas, Jerusalém, etc.). NÃO era o centro do mundo? Quantos povos e impérios se viam como o centro? Tão poucos séculos para

percebermos a forma de nosso planeta! O conhecimento avança – e veja que já estamos nos primórdios da modernidade – e recebemos outro golpe: o planeta Terra não é o centro do Universo. Somos ‘apenas’ um grão de poeira – que sequer está no ‘meio’ da galáxia – fazendo companhia a um fabuloso número de estrelas e galáxias. Avançamos um pouco mais e um tal de Darwin vai ‘rebaixar’ (ou colocá-la num lugar mais adequado?) nossa espécie ‘ao lado’ de espécies não tão inteligentes/poderosas. Talvez use termos um pouco inexatos, mas a ideia aqui, mais do que ser preciso nos termos ‘científicos’ é perceber que o avanço da ciência, do conhecimento, ao mesmo tempo que nos empodera com relação a um certo domínio do meio, da natureza, das outras espécies, também nos desnuda da ilusão de nosso poder e conhecimento. Logo ali atrás (fins século XIX) mais um golpe em nosso narcisismo: a psicanálise vai desvelando um tal de ‘inconsciente’ que, muitas vezes, nos governa, nos conduz a atitudes nem tão racionais. Logo nós, que nos achávamos tão homo sapiens (BOLLNOW, 2008, p. 93).

Divago em altas ideias nas quais muito mal navego (história da ciência), mas convêm resgatar aqui Ferry. Este hipotetiza que o ser humano faz filosofia não tanto por diletantismo – sim, alguns o fazem, ainda bem, pois a humanidade há milênios já propiciou que alguns humanos não estejam presos à fome ou ao perigo da morte eminente – mas pelo simples fato de que, estando livre da fome, da doença, da guerra, enfim, do risco da morte imediata... percebe-se, desgraçadamente, mortal. Belo paradoxo. Estar livre do perigo imediato (fome, frio, feras, doença, guerra) torna-nos cientes de que somos finitos, mortais. Droga. E lá vamos nós a pensar no sentido da vida! “O que penso eu do Mundo? Sei lá o que penso do Mundo! Se eu adoecesse pensaria nisso”. (FP, Guardador de Rebanhos, Poema V). Óbvio que na sequência o Monstro se consome a pensar nisso o tempo inteiro, mentindo sempre com a sua tentativa (inútil) de apenas sentir as coisas. Novamente aqui estamos condenados a pensar na existência.

Diz Ferry (2009, p. 23):

Propus uma definição da filosofia que acabasse dando conta do que esta última foi e, na minha opinião, deve continuar sendo hoje: uma doutrina da salvação sem Deus, uma resposta à questão da vida boa, que não passa por um “ser supremo”, nem pela fé, mas por um esforço próprio de pensamento e pela razão. Uma exigência de lucidez compreendida em seu sentido mais simples e forte: uma vitória – sem dúvida sempre relativa e frágil – sobre o medo, o medo da morte, em particular, que, sob diversas formas, nos impedem de viver bem. Procurei, também, dar uma ideia daquilo que se mantém, afinal, como a questão crucial da filosofia, a da sabedoria, definida como o estado em que a luta contra a angústia permite aos seres humanos se tornarem mais livres e abertos aos demais, capazes de pensar por si mesmos e de amar.

Explicando, tento organizar-me. Ao falar da origem (da filosofia, via consciência de nossa finitude), ou da consciência – de novo ela – de nossas NÃO centralidades (nem do universo, nem a espécie ‘eleita’ por Deus, nem o ser humano como dono de si através da razão) penso estar buscando as ‘origens’, as causas primeiras. Um exercício racional para tentar me situar no tempo, no espaço, e, claro, ordenar a minha existência. Neste sentido, retomo meus escritos anteriores (geografiadonestor.weebly.com): não tem como docenciar sem existenciar-se, isto é, não tem como exercer este ofício de professor sem professorar, ou seja, dizer algo a alguém, e, por meio deste exercício, dialogar com o outro. Aqui é importante ressaltar: dizer algo a alguém. Há um divisor de águas dado pela concepção epistemológica de professorar. Uns apenas dizem PARA alguém, sem a preocupação do retorno do outro. E há professores que fazem de sua fala motivo para o diálogo COM o outro, isto é, buscam a reciprocidade, a troca. Ainda que alguns se contentem em falar para, prefiro, necessito, DIALOGAR (do grego, através da palavra) para me educar em comunhão, comum união. Algo umbilical, narcísico: dialogar com o outro para entender melhor o mundo, o outro e a mim mesmo. Diria mais, um exercício egoísta pois me parece, o objetivo maior, não seja tanto o de explicar ‘como o mundo, ou a Geografia é’ para os outros, mas para, através da Geografia, entender o que sou e faço neste mundo.

Com este preâmbulo não quero pretender alçar à condição de filósofo e nem de historiador da ciência, mas apenas alertar ao leitor da minha condição de ignorante nestas áreas, o que, longe de ser um ato de humildade é apenas uma constatação e possível mola propulsora de novas leituras e diálogos com os que me cercam. Saber-se ignorante é condição *sine qua non* para abrir-se ao outro, ao novo. Algo necessário para todo professor.

Seguirei um roteiro de perguntas que o grupo de pesquisa que participo – liderado por Nelson Rego e Roselane Costella – fazem a alguns professores da Educação Básica.

Por que você escolheu ser professor?

Sinceramente não tenho esta resposta clara. Por eliminação diria: com certeza não foi por bons exemplos de professores. Os que tive na Educação Básica, com poucas exceções – e aqui vem uma primeira e quase óbvia constatação, ser um bom professor não é tarefa simples – foram, no geral, pouco marcantes. Não quero fazer a linha hiper-crítica, ficar martelando contra a instituição escola, seus professores e conteúdos distantes de nós. Malhar o outro é tão simples de se fazer e pouco útil. Foram, em geral, professores comuns, cuja principal característica era ‘dar conteúdo’ sem se preocupar em questioná-lo ou sem tornar nós, alunos, sujeitos aptos à conversação sobre o que ali se tratava. Abro um parêntese para perceber a figura do professor imerso numa estrutura social maior que, muito lhe cobra, mas pouco lhe estimula ou lhe oferta. Rego sistematiza (2009, p. 130):

Requisitos para fragilizar ainda mais as já precárias condições de trabalho do professor são fornecidos pela modernização conservadora da tradicional educação bancária. Acentua-se a exploração pela combinação de salários achatados e jornadas expandidas para além da sanidade, tanto pelo número de horas passadas em salas de aula quanto pelo número de alunos em cada sala, assim como pelo trabalho que é necessário levar para a casa e para as manhãs e tardes de domingo. Acentuam-se do mesmo modo as exigências descarregadas sobre o professor – ser um repassador competente de informações; ser um recreacionista; ser um comunicador de auditório; ser um

disciplinador ao qual se delega a tarefa de preencher lacunas deixadas pelos pais, por diversas razões econômicas e culturais, ausentes; ser um ser cordato para com os ditames da direção escolar e de alunos e pais considerados, pela direção escolar, como clientes; e apenas por último, e muito secundariamente, ou até mesmo de modo dispensável, ser um conhecedor/pesquisador dos conteúdos de sua área e um educador para além do mero repasse de informações. Em suma, ser um ser achatado.

A citação é precisa na descrição do quadro laboral quase universal dos professores em nosso país, e ajuda-nos a entender porque é tão incomum a escolha intencional desta profissão pelas novas gerações, sobretudo as de classe média que estudam em escolas privadas de Educação Básica. Para a imensa maioria destes a possibilidade de optar por ser professor é quase que nula, e, quando ocorre, encontra resistência entre os familiares. Um traço marcante da hipocrisia da sociedade brasileira que de forma unânime elogia e vê a importância da figura do professor, desde que este continue a trabalhar de forma calada, dócil e mal remunerada (KAERCHER, 2014, p. 153-157). O Movimento Escola Sem Partido (ESP) vale-se de um sofisma: o professor não deve ‘fazer a cabeça’ do aluno, não deve doutriná-lo; deve se ater apenas a ‘dar conteúdo’, isto é, o professor de Matemática que se atenha a ensinar (só) Matemática. Falácia sedutora, aparentemente ‘sensata’, pois assim diminuiriam as tensões, as brigas e as divergências nas salas de aula. Mas, o que se ensina quando se dá aula de Matemática? Com certeza que não apenas números e/ou fórmulas ‘exatas’. Sempre transmitimos, mais ou menos consciente e deliberadamente, valores e ideologias. Tentar fazer das escolas algo asséptico ou ‘neutro’ é deseducador, pois a sociedade tem diferentes visões de mundo. Não seria a escola um dos melhores lugares para se discutir argumentadamente estas diferenças e divergências? Quanto mais plural o convívio numa escola, melhor. A escola não precisa almejar ser uma bolha isolada das conflitualidades do mundo. Cremos que a ESP, na verdade tenta, de forma camuflada e sofisticada, propor apenas o seu ideário político portanto, sob a desculpa de ser uma visão meramente ‘técnica’, ‘científica’. Epa, divago. Volta, Nestor!

Retomo: tampouco tornei-me professor por incentivo social e/ou familiar. Não fui daqueles que teve no círculo familiar exemplos de professores. Quando optei por fazer o curso de Geografia (meados da década de 80) a associação imediata que se fazia ao curso era para ser professor. Nesta hora, de forma clara, meu pai não se mostrou simpático à ideia. Minha mãe não se pronunciava claramente. Quando o fez, foi em tom de pouca simpatia. Meus irmãos, mais velhos e em cursos mais ‘tradicionais’, clara e ostensivamente, caçoaram.

Mas, uma vez feita a escolha, com ou sem apoio familiar – o pai depois apoiou minha ida a Porto Alegre – eu nunca me arrependi. Se não foi totalmente consciente a opção isso tampouco é estranho, afinal, aos 17-18 anos, poucos são os que têm claro o que querem fazer profissionalmente. Estava eu, portanto, dentro deste grupo grande. Gostava de Geografia (e não tive grandes professores desta disciplina) e descartava carreiras mais tradicionais (Direito, como o pai e irmãos, Medicina e ou Engenharias). A docência, talvez foi um **atrativo por contraposição** (?!?) aos muitos modelos de professores pouco atraentes que tive. De qualquer forma aqui gostaria de reiterar que muitas decisões centrais de nossa vida (carreira e relações afetivas) não raro são pouco... racionais. Não por acaso no início destas linhas falo no inconsciente e de como é recente a ‘consciência’ de que ele é de suma importância na condução – sem que nós sejamos timoneiros – de nossa vida.

Para resumir: sim, **eu escolhi ser professor**, ainda que de forma não muito estudada (consciente?) ou dialogada, pois pouco conversei sobre esta decisão, inclusive com amigos e familiares. E, tendo o privilégio (ou a sorte?) de exercer a docência desde os primeiros semestres do curso (por minha iniciativa, sim), jamais me arrependi desta escolha. Aos 53 anos de idade, e exercendo a professoralidade desde os 20 anos, a sensação de que a opção foi boa me acompanha/ou em 95% do tempo.

Há que se acrescentar: nunca tive aquela ilusão romântica de que a Geografia é a melhor disciplina, a ‘mais importante’, ‘a mais crítica’, etc.

E se você não fosse professor de Geografia, Nestor? Muito provavelmente seria professor de... História. Enfim, professor. Não tenho dúvida de que ser chamado de ‘professor’ me faz bem. Ser chamado de ‘mestre’, melhor ainda.

O que fica claro para o leitor é que se pode deixar espaço em nossas aulas para o imponderável, pois que nem só de razão é feito o ensino. Já que decisões tão cruciais de nossa vida não são tão racionais/controláveis, as aulas também podem ceder espaço para uma sequência menos rígida de conteúdos. Espaços de diálogo mais informais podem ser bem relevantes para a formação dos estudantes da educação básica. Uma contribuição que nós professores podemos oportunizar é discutir mais as aspirações de futuro que os alunos tem. Não apenas com palestras no final do Ensino Médio sobre algumas carreiras ‘de sucesso’. Com conversas menos verticais onde os alunos possam ter voz para falarem de seus sonhos e medos. Não é um divã coletivista, mas o que minha experiência diz é que os jovens têm o que dizer e querem dizer, mas é preciso que haja espaço-tempos para tal desejo fluir.

Que memórias você tem em relação aos professores da educação básica?

Sendo ‘filho de classe média’ tive o privilégio de estudar toda a Educação Básica numa mesma escola privada (Colégio São Luís, Rede Marista, em Santa Cruz). Era uma baita escola em termos estruturais/materiais. Obviamente nunca faltaram professores. O que se destacava era, reitero, o tradicionalismo das aulas. Poucas vezes algo fugia da rotina relativamente tediosa (não, nada de terrível). A curtição da escola eram os amigos, olhar – de longe, claro – as meninas no recreio e a possibilidade de jogar basquete no contraturno. Talvez a primeira e mais marcante memória seja a ‘ruindade’ das aulas de Geografia. Sim, ruindade. Falta de reflexão, claramente. Mas, no geral, os professores faziam seu ofício de forma honesta e tranquila. Não havia grande esforço para ser aprovado. No geral, eu era um aluno com boas notas e nem tão bom comportamento. A noção que eu tinha na época era: isso aqui é

moleza, tranquilo e murrinha, chato. Penso que esta sensação vai perdurar depois na graduação.

Sim, a maioria dos professores podia ter feito mais para desenvolver a parte intelectual dos alunos, mas, era o que tive. O hábito da leitura, que carrego desde sei lá que época do ensino médio, também não sei de onde desenvolvi. Não foi ação de alguém em especial, embora meu pai fosse, na condição de advogado, contador e professor (3º ofício) um leitor. Ele trazer o jornal diário consigo, na hora do almoço, me ajudou neste interesse por ler. O fato da escola ter uma boa biblioteca – sim, que eu frequentava amiúde – também ajudou, mas veja, tudo isso são possibilidades que, sem tua ação intencional, pouco vale. Novamente aqui há espaço-tempo para se pensar do que gostamos ou não e do quanto esses gostos são ‘nossa’ escolha ou simplesmente ... acontecem dentro de ti? FP (Antologia Poética, p. 85) brinca comigo, sempre ansioso em achar o fio da meada, a origem de minhas escolhas:

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.
Qual porém é verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar*

Veja que até agora não citei nenhum professor em especial, mas vários exemplos negativos já me vieram a cabeça (com nome do mestre e disciplina). Hipotetizo: desde jovem que minha busca em ser professor, era para tentar fazer diferente do que fizeram comigo,

ser um ‘outro professor’ dos que eu tive, mas não sei o quanto isso é fato. Vida verdadeira ou vida pensada? Vá saber.

Meio tristemente admito: tive/teria poucos professores a quem eu gostaria de parabenizar ou louvar. E não falo isso com rancor. Não há soberba em minha constatação. Reitero: ser um bom professor, marcar positivamente ao aluno, não é tarefa fácil. O que gostaria de deixar muito claro é que minhas lembranças da escola básica são, em geral, positivas, mas não geram saudosismo do tipo ‘ah, naquela época eu era feliz’. Foram bons tempos, mas, foi. Esta é uma sensação que tenho em geral: o passado se ‘pagou’, foi vivido com seus sabores e contratempos.

Em minhas aulas, todas as vezes que escuto alunos meus elogiarem seus professores, procuro perguntar-lhes: você já disse isso pessoalmente para ele? Pois, vá, diga, elogie. Temos que cultivar mais o hábito de elogiar. Custa nada e faz um bem enorme receber um elogio sincero de um ex-aluno. E é bastante comum que vários alunos falem de professores muito marcantes, ou seja, o professor pode fazer (e faz) uma diferença significativa e positiva na vida de seus alunos. E não é o conteúdo, a matéria o que, em geral, marcou os alunos. São as características de afeto e parceria que fazem os professores marcarem (= ensinarem) seus alunos.

Talvez uma pergunta que se possa agregar aqui é, afinal, por que damos tanta importância aos conteúdos disciplinares se eles, normalmente, são esquecidos? Como podemos dar mais significado as nossas aulas posto que a escola hoje já não ocupa o papel central de local de se obter informações?

O que você fez com estas memórias no momento em que se transformou professor?

Desejei sempre agradecer. Doe-me sempre que me fossem indiferentes. Orfão da Fortuna, tenho, como todos órfãos, a necessidade de ser o objeto da afeição de alguém. Passei sempre fome da realização dessa necessidade. Tanto me adaptei a essa fome inevitável que, por vezes, nem sei se sinto a necessidade de comer. Com isso ou sem isto a vida dói-me (FP, Livro do Desassossego, p. 381)

Boa pergunta porque de difícil resposta. Creio que a chave da resposta já está anunciada acima e tem um componente claramente psicanalítico: o que fazer com o que fizeram conosco? O componente da liberdade sempre existe, afinal, temos que continuar existindo com as memórias e marcas que nos deixaram. A opção é sempre nossa, estamos condenados à liberdade. Parece pesada a frase, mas é por aí: a vida nos deixa marcas e o que vamos fazer com o que nos fizeram? Dou sempre o mesmo exemplo: o pai é alcoólatra. Um filho pode ‘decidir’ jamais tocar num copo de bebida alcoólica, outro bebe em raras ocasiões, ‘socialmente’, e, um terceiro, pode se tornar alcoólatra também. Óbvio que a liberdade nunca é total, mas ao fim e ao cabo, sempre há uma margem de manobra onde podemos nos movimentar.

Cabe retomar a ideia já exposta: o passado – na escola de Educação Básica – se ‘pagou’, foi vivido. Não que esteja sepultado, morto, não. Carregamos ele conosco, sempre, mas sem o peso de nos impedir de agir com a relativa liberdade da qual já falei. Tento, genericamente, ‘copiar’ algumas boas práticas feitas comigo (sim, foram poucas) e evitar coisas que eu, já naquela época, pouco sentido via, tais como ‘decorebas’ e/ou certa imposição de disciplina pelo medo de alguma punição. A maior sensação que tenho ao (tentar) responder a essa questão, é novamente, a de um certo ‘vazio’ das memórias de meus professores. Nem vou falar daquilo que já sabemos, a relativa (grande) inutilidade dos ‘conteúdos’ ministrados nas mais diversas disciplinas, alguns, não raro, beirando o *non sense*. Isso é contumaz na escola. Refiro-me a relativamente comum fragilidade das memórias afetivas e cognitivas. Sim, a escola, mesmo a particular dita de boa qualidade (?) era pobre em estimular nossa capacidade de pensar mais autonomamente. E pobre em desenvolver os afetos. Não sei se estou sendo muito duro, mas aí está uma característica que a cidade de Santa Cruz do Sul sempre me passou: a aridez nas relações humanas. Isso já vinha de casa, e na escola, continuou. A dificuldade em elogiar, abraçar e demonstrar afeto/carinho, bem como seu oposto, a facilidade em ser ácido, e, porque não, preconceituoso, algo comum daquela localidade. Assim,

sempre tive claro, uma vez vindo à Porto Alegre para estudar na UFRGS (19 anos): Santa Cruz e família, deu, se pagou. Obrigado, mas aqui não é meu lugar. Foi. Isso pode parecer presunçoso e ou rancoroso, mas, reitero, não é o caso. Agradeço demais aos pais que tive, a família que tive, a escola que tive, aos professores que tive. Não me fizeram nada que me impedisse de ser feliz. Nunca fui oprimido pela família ou escola. Os contratemplos que nestes ambientes tive, não me impediram e nem me obrigaram de ser o que sou. As marcas que me deixaram não são responsáveis por meus eventuais erros como professor ou ser humano. Tenho muito mais a agradecer do que a lamentar. O mesmo posso dizer destes 30 anos de docência: muito mais a agradecer e comemorar do que lamentar.

Você tem ideia de como e quando realmente você se sentiu ou se transformou em professor?

Profissionalmente na vida só fui professor. Desde o segundo semestre da faculdade (1985) comecei a dar aula no que antes se denominava ‘Supletivo’, hoje Educação de Jovens e Adultos. E, desde ali, eu me senti professor e senti que eu gostaria de fazer isso. Não há aqui uma epifania ou evento mágico, mas dando aula de Geografia, bem como das extintas EMC (Educação Moral e Cívica) e OSPB (Organização Social e Política do Brasil), duas ‘disciplinas’ inventadas pelo governo ditatorial (1964-1985) eu me senti fazendo algo ‘útil’, ‘legal’, ‘nobre’. Depois, já formado (1988), imediatamente comecei a dar aula (1989 via concurso público) numa escola pública (Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, Novo Hamburgo, RS). Ali tive o privilégio de lidar com uma escola com boa estrutura material, liberdade de cátedra e bom salário, mas, sobretudo, o principal, com alunos interessados e interessantes. Foi um período rico profissionalmente. Logo em seguida dei aula numa boa escola privada de Porto Alegre (Colégio Anchieta, no ano do seu centenário) e numa faculdade (FISC, Faculdades Integradas de Santa Cruz, hoje UNISC via concurso). Em todos estes lugares fui bem recebido pelos alunos. Estas experiências positivas criaram em mim uma identidade... positiva de SER PROFESSOR. E um detalhe

importante: no final do ano fui demitido no Anchieta. Nenhum motivo relevante, mas fundamental, pois isso me impeliu a fazer mestrado e não ficar procurando trabalho em escolas privadas.

Então, se tivesse que resumir o que me fez sentir e ou me transformar em professor foi a relação com meus alunos. Foi o ato de docenciar. A Geografia sempre foi/é o meio pelo qual eu pude exercer e exercitar a relação professor-aluno. E o que tem de interessante esta relação? Rego e Costella (2019, p. 10) mostra-nos um rico manancial de possibilidades, pois o professor pode:

Evidenciar as lacunas de leituras simplistas, discutir a parcialidade do olhar que de modo sistemático inviabiliza determinadas realidades: educar o olhar para a busca de visões alternativas pode se converter num exercício que supere o condicionamento de entender o ensino apenas como transmissão e recepção do que já está dado. Nessa acepção, amplia-se a compreensão do ignorar: o ignorante não ignora apenas informações, ignora a possibilidade de reconhecer problemas e conceber e avaliar alternativas em busca de soluções [...] professores dedicados constroem com seus alunos a práxis que supere a ignorância acerca de suas capacidades de diagnosticar problemas, reconhecer invisibilidades, conceber e avaliar alternativas em busca de soluções. (2019, p. 10, com adaptações).

O que quero destacar, sobretudo aos jovens que me leem, é que a escola e o professor têm sim, ainda e por muitos anos, uma enorme variedade de ‘utilidades’, ‘necessidades’ e possibilidades. Sim, a escola e um bom professor são precisos, ainda que a vida não seja precisa. Justamente pelas imprecisões, indecisões e incertezas que a vida tem, nós continuaremos a ser necessários (precisos). E a busca destas possibilidades e necessidades você não encontrará apenas em manuais técnicos ou aulas da universidade. São projetos de vida que se constroem no estudo e na caminhada com nossos pares e alunos. A Geografia? Pretexto para caminhar lado a lado com vocês.

Como a universidade e o curso de graduação influenciaram na sua prática? De que forma eles podem ter feito um serviço ou um (des)serviço para a sua atuação docente?

Fiz somente Licenciatura em Geografia (1985-1988). Minha vontade em fazer bacharelado durou menos de um semestre. Logo percebi que essa formação técnica não me atraía, bem como a julgava secundária para desenvolver uma relação de atração do aluno pelas aulas de Geografia. O curso, na época era bem mais precário que é hoje, disso não tenho dúvida. A começar pela qualificação do quadro docente, seja no Instituto de Geociências (onde se situa o Departamento de Geografia), seja na Faculdade de Educação que abriga(va) as disciplinas finais do curso. Não levei muito tempo para perceber as fragilidades do curso. Nada tenho ou tinha de ‘gênio’ ou ‘mega-crítico’ em relação à universidade e aos professores, mas, sem dúvida, eu estudava e lia (bem) mais do que o necessário para passar nas cadeiras. Os livros mais fundamentais que li na graduação o fiz por conta própria. Mesmo assim, não faltava às aulas e fazia o que tinha que fazer para ser aprovado. E tinha claro: a universidade vai me dar a licença para exercer a profissão. A formação é, em grande parte, por minha/nossa conta. Claro que um curso ‘melhor’ pode facilitar enormemente tua formação, pois não vamos também nos iludir em sermos simplesmente autodidatas. Se digo que precisamos nos esforçar - além do mínimo - para sermos bom profissionais, não significa que basta o esforço individual. Ter bons mestres é uma oportunidade ímpar. Se você é estudante, seu trabalho é estudar, então, seja um bom estudante, estude! Ser bom estudante é saber perceber também os bons mestres que estão diante de ti para aproveitar o muito que eles podem te dar. A universidade concentra muitos cérebros privilegiados, é o lócus do saber sistematizado e concentrado, então, passar por ela sem aproveitar essa massa crítica é um desperdício.

Não acredito que algum curso ou universidade preste um desserviço a quem quer que seja. São instituições morosas, pesadas, não raro elitistas e nem tão democráticas, mas, também podem ser espaço de formação integral do ser humano, pois ali não aprendemos

apenas as ‘disciplinas’ ou a dar valor ao estudo e ao conhecimento. Ali convivemos com uma gama enorme de diferentes e diferenças e isso nos enriquece. Hoje em dia, as universidades estão bem mais abertas às diferenças e facilitando intercâmbios, viagens e outras formas de aprender. Tem um público mais diversificado.

Recentemente meus alunos de estágio pediram para a turma associar 2 ou 3 palavras, positivas ou negativas, à UFRGS. Com facilidade disseram coisas ‘negativas’ associadas a ela. Poucas coisas ‘boas’ foram aventadas. Eu, sinceramente tive dificuldade em ver nela negatividades (ok, a burocracia). De pronto me vieram coisas boas. Por ser uma instituição pública (não é do rei, ou do presidente, ou do papa, ou do general ou do reitor) ela tem caráter mais perene e democrático. Logo me veio junto à palavra UFRGS (ou universidade, tanto faz) as ideias de liberdade (de cátedra), e, o principal, o que ela tem de melhor: os alunos. Sim, os alunos. São eles que me motivam – além do salário, claro – a fazer o que eu faço com vontade de acertar e sim, agradar, meu público, os alunos. A universidade continua me propiciando este ambiente de liberdade e construção de conhecimento. E, como diria um ex-aluno meu: e eu ainda ganho para fazer isso. É um privilégio. Sim, posso estar misturando a influência da universidade (no passado, na minha formação) com o hoje, mas as coisas andam misturadas mesmo, pois ali trabalho há cerca de 22 anos. E aqui estou em processo permanente de formação. Repito, receber para trabalhar - com meus alunos e com o conhecimento – é algo que me motiva. Trabalhar com o conhecimento (me enriquecer num processo de formação continuada permanente) e ter contato com alunos. Alunos que são, em sua grande maioria, pessoas bem legais de lidar.

Gostaria de sugerir a você, meu raro leitor, a perceber a instituição, no caso a universidade, não como algo ruim porque burocrática ou elitista. Sim, ela é isso, entre outros possíveis defeitos. Perceber a instituição como conquista das sociedades civilizadas posto que com regras relativamente claras de funcionamento. Claras não significa ‘perfeitas’ ou acessíveis a todos, mas ainda é melhor do que algo que dependa apenas da boa vontade de uma autoridade a

qual não temos acesso. Com isso quero dizer que mesmo a burocracia, ainda que nos exaspere, também tem seu lado republicano, isto é, uma rés pública, uma coisa pública que pode ser acessada por muitos (não, não é universal). Contudo, meu foco aqui não é ‘defender’ as instituições em geral, ou a universidade em particular. Proponho um contrabando, uma discussão epistêmica: há uma tendência de associar o pessimismo com seriedade moral ou com ser crítico. “Um crítico que desanca um livro é visto como mais competente do que um crítico que elogia a obra, e o mesmo vale para os críticos da sociedade. Os jornalistas acreditam que, ao acentuarem o negativo, estão cumprindo seu dever de vigiar, investigar, informar e afligir os acomodados” (PINKER, 2018, p. 72).

E logo adiante:

Sempre que alguém oferece uma solução para um problema, críticos se apressam a frisar que não se trata de uma panaceia, uma bala de prata ou uma solução universal; é apenas um paliativo ou um remédio tecnológico rápido que não afeta as raízes do mal. Evidentemente, como nada é uma panaceia e tudo tem efeitos colaterais (é impossível fazer uma coisa só), esses tropos comuns não passam de recusas para cogitar a possibilidade de que alguma coisa pode ser melhorada. [...]. A medida que nossa preocupação se estende a uma parte maior a humanidade, tendemos a confundir os males que vemos à nossa volta com sinais de que o mundo decaiu mais, e não de que os nossos critérios se elevaram. (PINKER, 2018, p. 73)

Com a citação anterior não quero dicotomizar um debate entre ‘otimistas’ versus ‘pessimistas’ já que ambos teriam pilhas de argumentos plausíveis a seu favor. Os gregos chamariam isso de aporia, sem caminho. Desejo apenas evitar posicionamentos definitivos e apaixonados que, muitas vezes, nos afastam de análises mais acuradas baseadas em dados e fatos. Não podemos apenas reiterar nossas crenças a priori nem tampouco acomodarmo-nos no berço confortável de nos intitularmos críticos. Ser ‘crítico’ não lhe dá razão, mas exige argumentos. E o papel do educador é fornecer argumentos aos seus alunos (do latim, *alere*, alimentar).

Como a escola em que você trabalha ou trabalhou lhe modificou enquanto professor (encantos e desencantos)?

Sou/somos o somatório de todas as experiências de nosso passado. A questão nada fácil é aprendermos com elas, pois senão apenas ficamos mais velhos e não mais sábios, que é uma pretensão nada humilde que podemos almejar. Penso que já toquei neste assunto, mas vamos ver se consigo acrescer a reflexão. Trabalhar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), seja no Supletivo, seja posteriormente na Prefeitura de Porto Alegre foi muito bom, seja pelos alunos, seja pelos contatos que tive, pois foi concomitante com a época que fiz mestrado (1993-1995). No Ensino Fundamental do município de Porto Alegre (PMPA) atuei pouco tempo, pois em 1996 fiz concurso na Faculdade de Educação (FACED - UFRGS) onde estou até hoje. Pouco, mas tempo suficiente. Tempo suficiente para **saber/aprender/entender** que trabalhar na periferia é amor e dor. Sim, tempo rico de aprendizagens do ponto de vista humano. E sim, tempo suficiente para poder dizer: trabalhar na periferia não é mole, não.

Ao ser aprovado tive que me desligar da Fundação Liberato e da PMPA. Foi bom estar nestes lugares. E foi bom sair por minha iniciativa. Eu tinha claro, ao fazer mestrado, que eu queria dar aula na FACED. Queria ali e não no Instituto de Geociências, no Departamento de Geografia. Queria trabalhar com ensino de Geografia e/ou formação de professores, que foi, aliás, o tema de minha dissertação, posteriormente transformado em livro (KAERCHER, 1997). Então, ao entrar lá como professor eu já tinha dez anos de docência em diferentes níveis. Não era um neófito em educação. Já tinha 30 anos! (inclui aí também cursinhos Pré-vestibulares, nenhum de ‘fama’, além do Supletivo Unificado que, na época, funcionava em salas barulhentas ‘coladas’ ao Viaduto da Conceição).

Não costumo usar a palavra encanto e ou desencanto. Raro ter momentos destes. Palavras piegas, adocicadas para um ‘alemão’ de cintura dura, ruim de riso. Uma colega disse-me: tu faz do ruim, riso. Alegrei de ver estrelas. A docência é trabalho e trabalhosa.

Encantos são pontuais, alguns alunos que você toca em especial e eles reconhecem tua figura. Sim, como é importante ter o reconhecimento do aluno, pelo menos para mim. Um elogio (ou dez) dura um cisco e você acredita menos nele do que uma crítica. A crítica sempre nos dilacera muito mais do que o consolo fugaz do elogio. Pior ainda quando a crítica é bem feita, tem razão de ser, é respeitosa. Daí é um terror, vou dormir com ela por dias. Não sei porque, mas comigo é assim, ponto. E, sem dúvida, as críticas são fundamentais para crescermos profissionalmente. E aqui um ‘segredo’ conhecido por 100% dos que convivem comigo: não sou professor ‘popular’, não sou carismático. E morro de inveja quando meus alunos de pós-graduação são mega reconhecidos na rua. Ai que ódio dos amados! Não sou daqueles homenageados (KAERCHER, 2019), mas, porém, contudo, entretanto, nos lugares que eu vou – ou no Dia dos Professores – sou muito bem recebido e acarinhado. O que me lava a alma e enche de orgulho. Sinto que estou me enrolando nesta pergunta, mas tem algo dentro de mim que independe de onde trabalho: buscar, ler, estudar, querer saber mais, querer melhorar. Para estar em paz comigo, e, secundariamente, para agradar aos meus alunos. Não digo que busco encantar, posto que esta competência eu não tenho, mas se eu tiver em paz comigo e, claro, sem brigar com os alunos, acho que já é um bom caminho (e nada desprezível) percorrido. Percebo, ao responder, a dificuldade de ter encantos. Descubro-me que ainda tenho encanto em ler e estudar para ‘ter assunto’ interessante para meus alunos. Percebo há anos que não leio para ter ‘atualização de conteúdo’, mas sim para manter-me vivo na profissão pois depender de perguntas, ou de interesse curioso dos alunos, é uma temeridade, quando não, inútil espera. Assim, sigo ou saio pela janela de minha loucura e vou atrás de minhas leituras.

Com essa digressão, proponho ao leitor a questão: onde eu/você busco(a) o encanto para manter-se vivo na profissão docente? E como eu/você evito(a) o desencanto, companhia tão perigosamente comum na ‘professoração’? Reitero o meu duplo caminho. Busco no contato com os alunos, e, ao mesmo tempo,

dado o enorme risco de frustração nesta lida, busco no meu prazer em ler livros – no geral pouco a ver com a disciplina Geografia – para continuar a crer. E aí do educador que não manter-se crente.

Fale três palavras que definem para você um professor hoje, na escola de hoje para um Brasil de hoje

Eita! Não sei. Não me vieram palavras rapidamente. Tento segmentar: mas professor onde? Se forem professores das escolas públicas, estaduais ou municipais (Porto Alegre) pensaria em: escassez (de condições de trabalho), aridez (ambiente não raro hostil) e esperança, palavra esta dúbia, já que pode ser vista como algo positivo, mas também negativo, afinal, esperamos à toa o que não virá (melhorias, reconhecimento, tratamento digno). Mas, não sou professor destas redes. Três palavras? Crente. Sim, o professor precisa crer que sua ação faz diferença e tem sentido positivo para seus estudantes. Se ele não for crente, o que não tem caráter religioso aqui, ele fenece ainda mais cedo. Lutador e criativo. É inegável que muitos educadores fazem coisas incríveis com tão poucas condições e incentivos. Poderia também dizer cansado e desmotivado, quase beirando a doença física e psíquica, afinal exposto a um stress permanente. Se eu tivesse que definir três palavras para o professor Nestor seriam: crente (na importância de um bom professor pode fazer a diferença para os alunos), descrente (sim) posto que após décadas de ação vejo o quanto a escola pública – que atende aos mais pobres – foi (propositadamente, como projeto de nação) degradada e ainda APAIXONADO pela docência. E isso não se trata de demagogia, mas uma simples constatação. Basta entrar em alguma escola e ver a estudantada, logo abro dentro de mim um sorriso, uma vontade de saber mais deles, uma curiosidade que tem algo de otimista e generoso. Das coisas que gosto de fazer na profissão é atender aluno. Isso se mantém muito vivo em mim. Que assim permaneça.

Você se considera um sujeito realizado profissionalmente? Justifique.

Sim. Até hoje, sem dúvida. Justifico: eu escolhi esta profissão. Eu a exerci em locais dignos e com pessoas legais. Fui bem tratado pelos alunos. Tenho e tive colegas ótimos na profissão. Sou e fui reconhecido na docência. Não fui desrespeitado por chefes, colegas ou alunos. Trabalhar na UFRGS me orgulha. Trabalhar no Pós, idem. Trabalhei em lugares onde o salário me permitiu ter dignidade material. Nunca me envergonhei de dizer que sou professor, menos ainda que sou professor da UFRGS. A vida tem sido generosa comigo. O que mais poderia dizer? Buscar derrotas, amarguras e dores ou mancadas? Devem existir, certamente, mas terei que pensar mais para achar. Se fosse contar a quantidade de gente que já me recebeu de coração aberto pela minha condição de ser professor! Seriam muitos. A quantidade de mails e bilhetes com palavras de afeto e incentivo! Muitas. Pilhas. Sim, a profissão, até hoje, 2019, me deu muitas alegrias e parceiros dos quais me orgulho. Gigantes colegas. Alunos que me orgulham. Tudo são flores para o Nestor bufão, vaidoso e esnobe? O contrário! Lembro de alguns alunos e me sinto pequeno diante da grandeza de vários deles (sim, tem os malas, mas estes são poucos e servem para nos fazer crescer também). Como disse, só fui professor na vida e não gostaria de mudar de profissão. Gracias a la vida, gracias a Geografia.

O que você produz no seu cotidiano nem sempre é registrado. Como você se sente com relação a isso?

O comboio abranda, é o cais do Sodré. Cheguei a Lisboa, mas não a uma conclusão (FP, Livro do Desassossego, p. 57)

Esta pergunta foi pensada para professores da Educação Básica que, normalmente estão assoberbados por muito trabalho e pouco tem tempo e incentivo para escreverem acerca do muito que fazem. Há um descompromisso do Estado seja ele estadual ou municipal, os grandes empregadores de professores em incentivar a reflexão sistematizada, escrita de seus profissionais, não raro imersos em

cargas monstras de trabalho. Uma das consequências é que se perdem muitas ações inovadoras, criativas e estimuladoras de uma melhor relação professor-aluno. Pelo simples fato de não serem registradas e divulgadas. Um professor que não escreve deixa de publicizar uma vasta experiência que se esfuma, acaba descuidando de seu trabalho que, embora intelectual, perde-se muitas vezes na cotidianidade acinzentada e repetitiva.

Tendo o privilégio de ser professor universitário volta e meia sou convidado – outras vezes impelido ao participar de eventos científicos – a escrever sobre meu trabalho. Nestas horas somos instados a chegar a ‘conclusões’ e/ou a ‘considerações finais’. Nem sempre temos conclusões ou novidades, afinal, escrever sobre educação, didática do ensinar e aprender Geografia, a formação de professores e suas relações, seja com o conhecimento, seja com os alunos nem sempre vai apontar caminhos muito novidadeiros do que se escreveu há seis meses, um ano atrás. Novamente lembraria FP quando diz que a “única conclusão é morrer”.

Tenho tentado escrever sobre a educação básica evitando o denunciamento hiper crítico, bem como a prescrição do que eu acharia pertinente que ‘os outros’ fizessem, algo tão comum nos textos educacionais que vivem a dizer... “o professor deve” no sentido de apontar suas incompletudes. Ainda que visem à melhoria da educação e das relações professor-aluno correm o risco de serem elitistas e pouco dialogarem com o dia a dia das escolas. Manter a esperança e a vontade de lecionar crendo na capacidade do aluno, promovendo-o como um sujeito participativo, criativo e capaz, eis um objetivo que procuro seguir em meus escritos. Assim, não temos a necessidade de apresentarmos conclusões fechadas. Assim me permito uma leitura de FP: não chegar a conclusão não implica em dizer que tudo vale ou que tanto faz. O contrário. A mim sugere a possibilidade de ver a escola – e as aulas de Geografia – como elaboradora de questões que pensem a sociedade que temos e queremos, a fim de pensarmos outras organizações dos espaços em nossa sociedade que almejem uma sociedade menos injusta e desigual.

Este privilégio de escrever livremente, sem censura, é gratificado quando algum texto é publicado. É uma espécie de filho que colocamos no mundo e sabendo que a interpretação de nossas ideias foge do controle. Inevitável.

Provisória e parcialmente, encerro

Gostaria de finalizar com duas frases - mais uma vez - de FP. Um cara depressivo, mas cuja interpretação caberá sempre ao leitor dada a multiplicidade de suas visões. A leitura que faço dele não me parece derrotista. Vejamos:

“Passar dos fantasmas a fé para os espectros da razão é somente ser mudado de cela” (Livro do desassossego, p. 70) e “abrigamo-nos mal na casa sem portas de nós mesmos” (idem, p. 69).

O professor e a escola podem ser abrigo, acolhida. Certo que não precisamos ser cela.

Justo por não haver ‘conclusões’ definitivas ou irrefutáveis podemos diminuir o peso sobre a ‘cientificidade’ da Geografia. Ainda que a razão e/ou a fé nos mantenha ‘presos’, em celas, são elas os recursos que os seres humanos dispõem para ler e entender o mundo em que vivem. E a escola é o local para ajudar nossos alunos a pensarem sobre as coisas que os seres humanos fazem ao habitar a Terra. A razão e a emoção são frágeis e frágeis, mas são os nossos recursos e o professor tem papel ainda destacado para auxiliar as novas gerações a ampliarem sua mirada acerca das coisas e pessoas que (re)constroem os espaços. Neste sentido contínuo, ainda que ciente da pequenez do meu poder de influir na docência de meus leitores (ou alunos) escrevendo para buscar parceiros de caminhada ao exercitar a docência.

Porto Alegre, final de outubro de 2019.

Os jacarandás tapam as calçadas e eu ainda te amo.

Referências

- BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.
- FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KAERCHER, Nestor A. (1997). **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. 3. ed. 4ª reimpressão. EDUNISC: Santa Cruz do Sul, 2010.
- KAERCHER, Nestor A. BA e BP: quimeras necessárias! Mantras quase catequéticos? Ou do porque os chatos não são convidados para serem paraninfos! In: VALLERIUS, Daniel M.; MOTA, Hugo Gabriel Mota; SANTOS, Leovan Alves dos (Orgs). **O Estágio Supervisionado e o professor de Geografia: múltiplos olhares**. Jundiá (SP): Paco, 2019, p. 7-13. Disponível em: geografiadonestor.weebly.com.
- KAERCHER, Nestor A. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- PESSOA, Fernando. **Antologia poética**. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses. Sem data. (seleção de Isabel Pascoal).
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PINKER, Steven. **O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- REGO, Nelson. Geografia, Educação, Linguagem: elementos de uma reconstrução ontológica? **Revista da ANPEGE**, v. 5, p. 3-15, 2009.
- REGO, Nelson; COSTELLA, Roselane Zordan. Educação geográfica e ensino de Geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. **Boletim NEPEG de Ensino de Geografia. Revista Signos (UFG)**, Goiás, p. 1-17, 2019.